

# GUERRA JUNQUEIRO

Perante os restos mortais do grande poeta cuja alma Deus chamou á sua presença, após doença prolongada, emudecem as criticas da sua obra, de altissimo valor literario, mas que tão profundamente magoou as almas crentes.

Pagou largo tributo aos erros do seu tempo, deixando-se influenciar pelos prejuizos anti-catholicos que viciavam o ambiente intellectual da sua geração.

A cruel licção dos factos fel-o rectificar os seus juizos e repudiar os seus antigos ataques á Igreja?

A escola do sofrimento foi-lhe salutar, levando-o a procurar em Deus a clara visão da vida. Por isso caminhava para a conversão, confessando aos amigos, que na ultima doença o acompanhavam, que á sua fé religiosa devia a força para resistir á tentação do suicidio suscitada pelo sofrimento.

Era a «bonne souffrance» cantada com gratidão por Coppée. Era o divino cinzel da dor aceita com resignação, desbastando o marmore vivo da alma, para nele reproduzir a imagem do Christo, de cuja misericordia compadecida tanto carecia!

Até onde foi o espirito do grande escriptor nesta marcha ascensional? Teria aceitado integralmente as consequencias logicas e praticas da sua aproximação da Igreja, se alguém tivesse o carinhoso desassombro de lhe aconselhar o recurso ao Viatico para a grande viagem? Não haveria no intimo do seu coração o desejo da recepção dos sacramentos numa explicita e publica reconciliação com a Igreja?

E' possível; é provavel; é quasi certo. As preocupações religiosas manifestadas a cada momento dominavam-lhe o espirito.

A determinação de um funeral religioso, despido d'exterioridades pomposas, implica o seu formal proposito de manifestar o regresso ao seio da Igreja, de que se afastára, como o filho prodigo do Evangelho, para dissipar longe d'ela o opulento patrimonio de talento que Deus lhe liberalisára.

Bastou essa determinação para a Igreja, que é mãe indulgente e vae tributar-lhe piedosos suffragios. Ela não ignora que no momento supremo a justiça e a misericordia divinas se harmonizam perante os anseios de uma alma para a Verdade e para o Bem infinitos.

Desta ultima resolução do poeta podemos dizer que é uma grande lição legada por ele aos que lhe tributavam culto idolatrico.

«Defunctus adhuc loquitur.»

Aos que nos seus livros se imbuiram de prejuizos odientos contra a Igreja, mostra-lhes que é errado esse caminho e como á sombra da cruz de Christo nos devemos acolher, ao menos na hora em que para sempre se fixam os nossos destinos e á Igreja devemos pedir que nos acompanhe nesse transe com as suas orações.

Ha tempos narra o sr. Dr. Francisco Veloso o seguinte caso significativo:

Havia-me contado um amigo e catholico muito conhecido e estimado no Porto que a anotação referente á «Velhice», e feita por Junqueiro nas «Prosas», era, quanto ao seu sentido religioso, muito mais extensa e muito mais precisa do que, por ordem dos editores-proprietarios, veio a lume. Esse amigo meu disse-me, chegara a lê-la na tipografia, e ao contar-m'o acrescentava:

—Se ela tivesse sido toda publicada, o Junqueiro nunca mais obteria dos republicanos o tratamento de correligionario. Passava logo a ser um «doído» e um «beato»!

Et assim succedeu, mesmo sem ir tão longe como desejava, no caminho da reparação. E ultimamente, segundo se diz, empreendera profunda revisão do poema «A Patria» para o expurgar do que n'ele ferira o sentimento religioso e patriótico.

Vão abrigar-se os restos mortaes de Guerra Junqueiro sob as aboboadas do grandioso templo que a piedade dos nossos maiores erigiu em honra do Coração Sacratissimo do Redemptor, que é «Paz e Reconciliação». Que eloquente lição de coisas para o povo portuguez!

N'essas ultimas horas da existencia, em que mais se aproxima a de Deus, as nebulosidades pantheistas que desfiguravam por as puras linhas da verdade, devem ter-se dissipado perante o misterio, que se ia desvendar, do Deus Creador e Providencia, no qual nos movemos, existimos e vivemos, e que o poeta proclamava em um momento de boa inspiração:

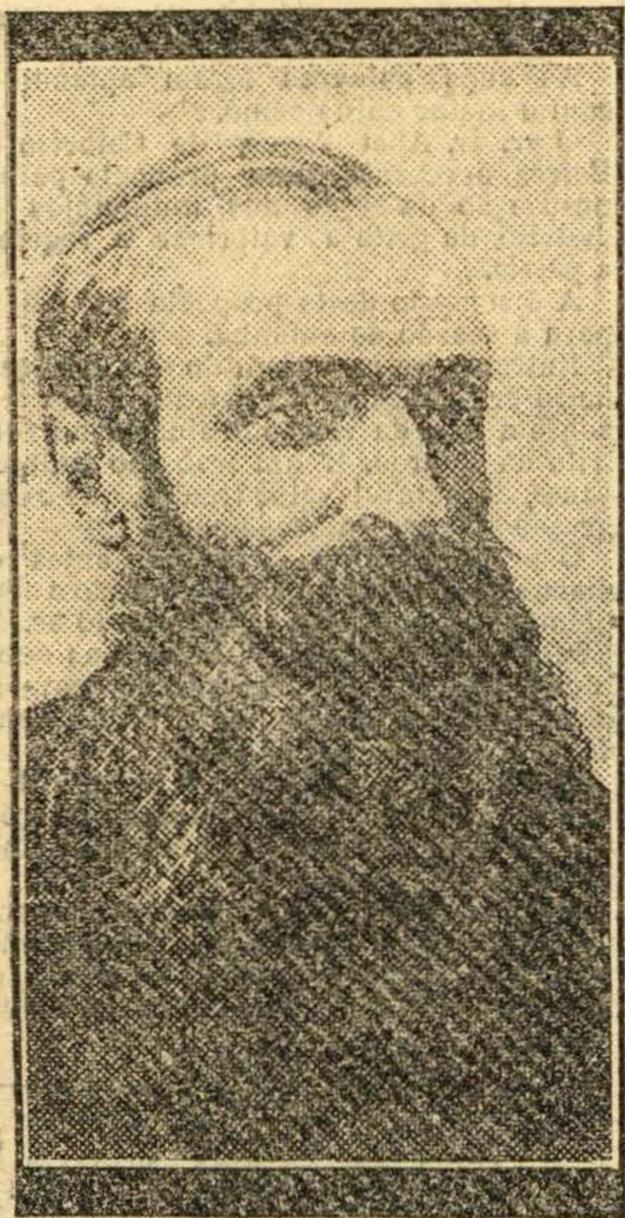
*O' crentes, como vós, no intimo do peito  
Abrigo a mesma crença e guardo o mesmo ideal...  
O horizonte é infinito e o olhar humano é estreito  
Creio que Deus é eterno e que a alma é mortal.*

*Sim, creio que depois do derradeiro somno  
Ha de haver uma treva e ha de haver uma luz  
Para o vicio que morre ovante sobre um throno  
Para o santo que expira inerme n'uma cruz.*

O pedido dos suffragios da Igreja, a Cruz recebendo-o nos seus braços, a figura de Christo com o Coração trasbordando de amor por nós, junto do seu feretro a imagem do grande amante de Deus o Christo S. Francisco de Assis a acompanhar os seus restos mortaes, proclamam a fé christã do poeta, indo além dos dogmas da religião natural para abrir os olhos á luz da revelação.

Enalteçam-se embora os seus talentos, mas sem hyperboles mais ou menos affectadas e sem fazer d'essa homenagem uma apotheose pagã. Melhor é, porém, que oremos pela sua alma, pedindo a Deus que lhe conceda a mansão do refrigerio, da luz e da paz!

NEMO.



# Guerra Junqueiro

Ha cerca de cinco dias, a doença que victimou o poeta, uma broncho-pneumonia, agravara-se assustadoramente. A' sua casa, na rua de Silva Carvalho, para onde quiz vir, do Porto, a romaria de amigos e toda a gente que se interessava pelo estado de Junqueiro, era constante. O poeta resolvera, porém, não receber pessoa nenhuma. Apenas os medicos entravam no quarto onde Junqueiro se encontrava, num leito modesto, rodeado pelos cuidados de sua esposa, sua filha D. Maria Izabel e sua velha creada Ana. Ante-hontem, á meia noite, o poeta adormeceu tranquilo. Assim passou toda a noite, serenamente, sem uma convulsão, sem um estertor.

A's 4 e meia da manhã, a alma do poeta, soltou-se do seu envólucro terrestre.

A' 1 hora da tarde, o cadaver foi retirado do leito e deposto numa urna com argolas de prata, que foi transportada para o escriptorio do sr. dr. Mesquita de Carvalho, seu genro.

A urna repousa numa pequena eça forrada de damasco vermelho, em frente a um altar, com um crucifixo, uma imagem do Sagrado Coração e oito velas.

Junto ao corpo foi colocada uma imagem de S. Francisco de Assis, como determinou o falecido.

O corpo de Junqueiro será hoje conduzido, ás 17 horas, pelos seus amigos e admiradores, para a Basilica da Estrela, onde ficará até ao funeral, que não se realisa antes de terça-feira.

Ainda por determinação do poeta, o enterro será religioso e modesto, não se recebem corôas e não serão proferidos discursos.

O corpo ficará depositado no cemiterio do Alto de S. João, se a familia não determinar que vá para Freixo de Espada à Cinta, onde repouza sua mãe.

## Notas bio-bibliograficas

Abilio de Guerra Junqueiro nasceu em Freixo de Espada à Cinta, Traz-os-Montes, em 17 de setembro de 1850. Foram seus paes o abastado lavrador e negociante José Antonio Junqueiro Junior e a sr.<sup>a</sup> D. Ana Guerra, falecida quando o poeta apenas contava tres anos de idade.

Guerra Junqueiro tinha 14 anos, quando publicou os primeiros versos, as *Duas paginas dos quatorze anos*, obra constituida por duzia e meia de quadras sem valor literario. Dois anos depois, o poemeto romantico *Mysticae Nuptiae*, revelava já qualidades de poeta. Tendo estudado preparatorios no Porto, Guerra Junqueiro partiu para Coimbra, a frequentar a Faculdade de Direito, continuando a versejar e a publicar as suas composições. Assim, sahiram em 1867 as *Vozes sem echo* e em 1868 o *Baptismo de amor*, este composto aos 18 años.

Em 1873 proclama-se a republica no vizinho reino, facto que é celebrado por Junqueiro com o seu poemeto *A Hespanha livre*, ultima das pequenas composições que precederam a publicação do livro que o fez celebre: *A morte de D. João*.

Depois de formado, o poeta exerceu os cargos de secretario geral dos governos civis de Angra do Heroismo e de Viana do Castelo, e em 1878 foi eleito deputado por Macedo de Cavaleiros. Esta phase da sua vida politica explica-a o proprio poeta no artigo *A execução de uma quadrilha*, publicado em 23 de abril de 1910, no jornal portuense *A Patria*:

«Filiei-me no partido progressista quando se debatia na adversidade e o seu programa de governo era inteligente, honesto e democratico. Exercia eu nessa epoca

o cargo de secretario geral na Ilha Terceira, devendo a minha nomeação, um pouco á minha convivencia com Barjoana de Freitas, mas principalmente e sobretudo á camaradagem affectuosa de Jaime de Segurier e á estima literaria de Antonio Rodrigues Sampaio. Subindo ao poder os progressistas, fui transferido dos Açores para Viana do Castelo e eleito deputado d'ahi a mezes. Por desventura, regressei dos Açores tão gravemente enfermo, que durante alguns anos me vi exausto e aniquilado. A custo fui á Camara meia duzia de vezes.

Por incompatibilidade (que eu ignorava) entre as funções legislativas e as de secretario geral, abandonei este cargo, com grande sacrificio para mim. Toda a gente me supunha riquissimo. Enganavam-se. A minha fortuna era insignificante e a de minha mulher não era grande. E não só eu deixei o modesto cargo que me auxiliava, mas nunca mais exerci ou ambicionei outro qualquer. Quando os progressistas voltaram ao governo, eu quiz voltar ainda ao parlamento, movido apenas por uma ideia nobre e desinteressada: acompanhar Oliveira Martins, visto que mais do que ninguém eu concorrera para o levar a uma acção de governo dentro do partido progressista».

\* \* \*

Mais tarde, o espirito politico e literario de Guerra Junqueiro sofreu profunda transformação. A sua feição demolidora acentuou-se por ocasião do *ultimatum* que deu origem ao poema satirico *Finis Patriae*, do qual, o poemeto *A' Inglaterra* é considerado pelo critico sr. Fidelino de Figueiredo como «uma maldição de uma veemencia inexcedivel, pela brutal energia das imagens, pelo impeto do odio destruidor que a anima, unicos na literatura portuguesa.»

Em 1896, surgia *A Patria*.

Referindo-se a este livro, o mesmo critico diz:

«Como obra doutrinaria *A Patria* é de um valor muito secundario, e valor secundario que hão de forçosamente ter todas as generalisações improvisadas da historia de um paiz, a qual está ainda de todo por fazer; valor secundario agravado pelo melindre de tratar um assunto, cuja verdadeira historia é ainda ignorada. Porém, para compensar essa fraqueza do poema, o seu lado artistico destaca-se e impõe-se.»

Ultimamente, porém, o poeta, que na republica apenas desempenhara um fugidio cargo diplomatico, não perdia ocasião de mostrar a sua descrença profunda da acção do novo regimen. E igualmente, como o nosso director acentua no editorial de hoje, era notavel a evolução religiosa no seu espirito.

\* \* \*

A bibliografia do poeta é a seguinte:

*Duas paginas dos catorze anos*, *Mysticae Nuptiae*, *Vozes sem eco*, *Baptismo de amor*, *A Victoria da Franca*, *A Hespanha livre*, *A Morte de D. João*, *O Crime*, *Tragedia infantil*, *Contos para a Infancia*, *Aos Veteranos da Liberdade*, *O melro*, *A Musa em ferias*, *A Velhice do Padre Eterno*, *Finis Patriae*, *Canção do Odio*, *Os Simples*, *Patria*, *Oração ao Pão*, *Oração à Luz*; um artigo em francez sobre *O radio e a radiação universal*, publicado em *La Revue*; *Théorie de certaines actions radio-biologiques*; *A execução de uma quadrilha*, longo artigo de defesa pessoal e politica, publicado no jornal portuense *A Patria*; *Poesias dispersas* e *Prosas dispersas*, a sua ultima obra.